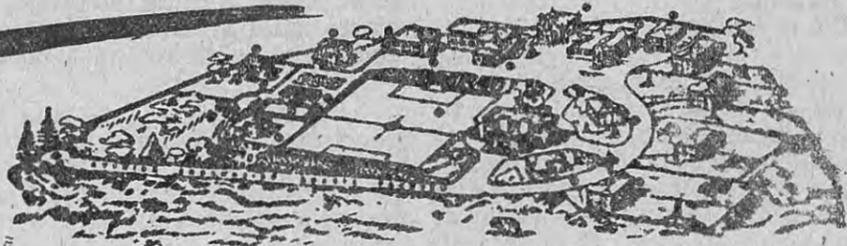




Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X ~ N.º 239 ~ PREÇO 1\$00

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Mal diríamos todos nós que uma pequenina faúlha lançada em Fátima em Maio do ano passado, havia de provocar tão depressa um tamanho incêndio! Quantos sermões! Quantos e que pregadores! Pois não foi nenhum daqueles. Quis o nosso Bom Deus que fosse um pecador em palavras singelas: e o incêndio começou! Contavam-se por noventa e duas no fim do ano corrente, as casas construídas e entregues e habitadas, em dez distritos do país. E sabemos de muitas e muitas e muitas em construção. A damos crédito ao que os jornais dizem, os bispos de Angola e de Lourenço Marques, andam interessados neste movimento e querem fazer casas. A dar crédito ao que os jornais dizem, os fiéis de Braga e de Viseu têm puxado pelos seus bispos e eles dizem que sim. O povo fiel reconhece o perigo, quer abrigar-se na única barca que nos salva e dirige-se directamente ao homem do leme: *acode-nos Senhor, que perecemos*. Puderam aqueles fiéis ter ido ter com as autoridades civis, mas não. Vão à Igreja. *Una. Milenária*. Ontem como hoje as multidões querem ver Jesus e nós todos sabemos, felizmente, que sem Ele nada podemos fazer. O ano em que estamos não há-de terminar sem termos notícias de mais casas e mais terrenos cedidos à Igreja. Mais bispos directa e activamente interessados. Mais párocos ocupados nesta missão urgente. Só os mortos ficarão para trás a enterrar os mortos! É isto o que vai acontecer como nós todos teremos ocasião de observar. Ou eu não tivesse tido a inspiração de entregar à Igreja o *Património dos Pobres*.

Havia de ser na Páscoa, mas devido a uns acabamentos, houve demora e só na próxima quinzena havemos de contar aqui como foi a entrega de três moradias na freguesia de Parada. Era um montão de pedras de que se fizeram as casas e hoje são elas e magníficos quintais! Também aqui diremos, na ocasião, de como foram entregues mais três, ao pé doutras que já existiam, rentinhas à estrada Nacional na freguesia de Galegos. A estas damos largos quintais. É preciso que todos ateiem no terreno suficiente para a horta e o jardim. Tenho-me deleitado no que vejo e no que oiço dos actuais ocupantes, quando eles me falam da sua horta. *O caldo até parece de galinha*, ouvi ontem aos moradores de um aglomerado de 6 casas. E são flores e são ervilhas e são videiras e são árvores de fruto e é salsa e é muita alegria e muita esperança e muita vida. Ontem era a desolação. Como eu vi e reconheci al-

guns destes desenterrados! Coloca Deus na alma da gente um tal amor à vida e horror à morte, que nos leva a padecer o incrível para fugir a este e sair daquela!

Casas com vidraças por onde o sol entre e ilumine e inunde. Há dias, numa destas casinhas, ouvi dizer a quem lá mora que, *se o pano fosse baratinho havia de colocar em cada janela uma cortina*. Isto é um mundo novo! E vamos prás mil.

CONTRASTES

A Imprensa de há tempos, encheu os ouvidos da gente com a visita oficial de *um grande* a algures na Europa, tendo sido postos à prova, por causa do visitante, os serviços de segurança daquela nação. Eu cá segui a notícia dos jornais com infinita tristeza. Não era um homem de paz. Não a deixou. Não a levou. Por isso mesmo, até debaixo da cama onde dormia, eram agentes de vigilância! Que podemos nós outros esperar destes homens e destes tempos? O temor não é clima aonde se possa viver. O amor sim. Vamos a ele. Como os chamados grandes jornais não cuidam destas notícias, aqui vai uma de *Um grande cristão que preside aos destinos de uma grande cidade*, como se lê na revista *Ecclesia*, último número. É o presidente da Câmara de Florença e deputado da Nação, senhor Jorge La Pira. Demos a palavra ao articulista:

«A porta do seu gabinete municipal está aberta para quem quer apresentar-lhe queixas ou petições. Não se passa um dia sem que um desgraçado, alguma mãe de família na miséria, não venha bater a esta porta, e não saia sem qualquer dádiva.

Na igreja dos Santos Apóstolos, num bairro popular, a seguir à missa conventual, o *mane* reúne em torno de si, centenas, por vezes, milhares de pobres.

O nosso dever de cristãos — diz — é duplo. Primeiro alimentar os corpos, dar a todos os homens a possibilidade duma vida digna e sã. Não é a nós todos, que podemos escapar à angústia da miséria, que cabe a obrigação de lutar contra ela?

É imensa a obra social por ele realizada — casas para o povo que edificou ao longo do Arno, grandes obras empreendidas, para dar trabalho aos desempregados.

Mas não é tudo — diz La Pira — o pão do corpo é indispensável, mas não é tudo. Nem só do pão vive o homem — diz a escritura.

É preciso dar a possibilidade duma vida de inteligência e da alma.

OS GAIATOS NO COLISEU

Já podemos informar os nossos amigos; é a 18 do próximo Junho, uma quinta-feira, à hora dos grandes acontecimentos. Os senhores não tenham medo de uma estopada. Não há meninos ensaiados, nem fingidos, nem guarda-roupas, nem reposteiros. São eles tais quais. Lisboa, Tojal, Miranda, Coimbra, S. João da Madeira, Porto, Paço de Sousa. Um quadro vivo, cheio de cor e de luz. Os senhores do Porto não saiam da cidade antes daquele dia, senão, marca-se falta!

Logo na segunda parte, imediatamente ao intervalo, deve aparecer um extenso mapa de Portugal, com os 10 distritos aonde as casas do *Património dos Pobres* já são. E também estamos trabalhando para que, a par desta grande carta, apareça outra da cidade do Porto, indicando os sítios aonde elas vão ser. Espectáculo cheio de cor e de luz! Quem falta?

Faz agora precisamente um ano que o Carlos Gonçalves chefe do Lar do Porto, declarou na festa de então, que iam pedir terreno ao senhor Presidente da Câmara e construir no Porto casas para os pobres. Este rapaz vai-se embora. Embarca no dia 6 de Junho. Na hora em que estivermos no Coliseu, vai ele no mar alto. Vai, sim, mas deixa quem cumpria. Nós não enganamos nem andamos enganados. Espectáculo de luz. Luz da Luz.

Os senhores venham munidos. Munidinhos. Eu venho afeito de África...! Ali era tudo *eu sou do Porto*. Muitos outros que davam, não diziam o nome de suas terras; mas os do Porto, não tinham mão em si, — tal as saudades! *Eu sou do Porto*. E não ficavam em tostões; eram dúzias. O Júlio que diga! Ora bem. A nossa capa; aquela que foi à África e viu por lá maravilhas — essa mesma apresenta-se à saída...!

UMA CARTA

«Este enfeite é aquele que á pouco lhe escreveu a pedir-lhe o livro Barredo: Oije a partecepar-lhe que já me foi entregue. Nessa manhã esperava o medico.

Por me encontrar peor da minha doença.

Sem ti bater á porta julgava que era ele; mas não era.

Era o correio que me entregou o postal e o livro à mão.

Fiquei contente e logo desembro-lhe Estava a ler a primeira página quando entrou o medico: E elle perguntou-me o que era isso Albano?

E eu respondi-lhe; é o livro Barredo que o pae Americo me mandou; E passei-lhe para a mão o livro e o postal. Ele leu e disse-me: eu nunca li livro nenhum desse homem.

A penas leio o Jornal o gaiato. mas tem feito umas grandes obras;

Escutou-me meteu me uma colher na boca para me ver a garganta; e o coração que já me trabalhava o normal. Parece que até já respirava melhor. Confor-me as

Este homem afasta de si os carros blindados. As espadas ficam na bainha. Discursos e banquetes não têm lugar. A Mentira foge dele. Se fosse em missão oficial a qualquer parte do mundo, não eram as paradas; eram sim, almas a murmurar: *benedito o que vem em nome do Senhor*.

paginas iam passando, ea verificando amizeria dos nossos irmãos do Barredo; e contemplando a minha.

Que quasi me posso juntar a eles:

Eu também já sou doente á mais de quatro anos.

Com grande custo mas iha ainda iha trabalhando;

Já tumei peneu-mas. Até já esteve enternado no sanatório Semide como ambolatorio.

Para fazer um corte de adrencias mas como a operação era degraça acabaram-se os oito dias de prazo e eu vim para a rua, com as adrencias por cortar.

Agora já me encontro de cama a cerca dum anno, sem ter de onde me venha um testom:

Tem sido estes os dias felizes da minha vida.

Sem outro assunto desde já agradeço a atenção que teve para comigo, e Deus lhe pague.»

Ela é cheia de panorama. Vem de S. Victor, um barredo mais pequenino, sim, — mas barredo. Se não fosse o custo, ter-a-ia mandado gravar, para mais sabor; assim, vai em letra de imprensa, guardando-se, contudo, a calligrafia.

Que querem os senhores que se diga *aquele eu vim para a rua?* Como apreciar as razões daquele passo?

O verdadeiro sentido de bem fazer

Era assim o título que nós aqui demos, neutro número, ao apelo a favor de uma viúva com 8 filhos, tendo perdido num instante o seu homem e ficando desolada.

Eis as respostas:

«Acabo de ler o último número de «O Gaiato» e não posso ficar indiferente ao seu artigo «O verdadeiro sentido de bem fazer». É que eu já vou avançada em idade e tenho uma filha, a única, com apenas 6 anos, e se eu não viver o suficiente para a deixar criada e educada que será dela? Sim, é para obter de Deus que ma deixe criar e me dê meios para não viver na miséria, que hoje lhe envio em vale de correio os 50\$00 para pagamento da primeira prestação para um filho da viúva que tem 5 sem pão.

Conto com a ajuda de Deus mandar-lhe todos os meses a mesma prestação durante um ano conforme o apelo de «O Gaiato».

«Para a viúva que tem 5 filhos, junto a quantia de 50\$00 que mandarei durante um ano. Se por acaso já tiver recebido a quantia desejada, dar-lhe-à o destino que entender».

«Sou viúva, pobre, mas tenho casa e, na família, quem me auxilia, louvado Deus! Para a viúva com 8 filhos enviarei 20\$00 mensais a contar deste mês de Março, em honra de S. José, até o seguinte de 1954 se lá chegar. Confio em Deus».

«Lendo o último número do «Gaiato» comoveu-me essa viúva de oito filhos, com cinco em casa ainda pequenos, em luta com a vida. Para ela, comprometo-me mandar 50\$00 todos os meses, auxiliando um pouco essa pobre mulher e mãe.

Hoje, vão 100\$00, de Abril e Maio.

Por todo o Bem que tem feito e despertado em muitos corações o espírito da Caridade, que Jesus sempre o acompanhe e abençoe».

«Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, e sua Mãe Maria Santíssima.

Peço-lhe a caridade de entregar esses 20\$00 à viúva dos 8 filhos e enquanto eu puder lhe mandarei todos os meses igual quantia, é pouco mas também sou mãe de 10 filhos e vésperas de outro e muito doente e meu marido é operário».

«V. além das quase inacreditáveis obras já realizadas, continua a alargar cada vez mais a cruzada de bem fazer e recristianização das consciências, indicando «o verdadeiro sentido de bem fazer». Com esta epígrafe publicou o último número do «Gaiato» uma nota a propósito de uma viúva que necessita de 50\$00 por mês, por filho, por um ano. Este apelo veio despertar a minha consciência e nesta quadra tão festiva da Páscoa, que coincide com o princípio de um mês, quero enviar a minha quota de 50\$00 rogando o favor de, como Procurador Geral dos Pobres, efectue a respectiva entrega. Deligenciarei enviar todos os meses a mesma quantia ou para V. ou para a Pobrezinha interessada, caso V. entenda conveniente».

«Presente para a Mãe de 5 fi-

lhos, referidos «Gaiato» de 28 de Março.

Por este correio segue um vale de 50\$00 e todos os meses enviarei igual quantia, durante um ano como se indica no «Gaiato».

«Poucas palavras e vamos ao que importa: Agora é uma viúva com cinco filhos. 50\$00 por mês, por cada filho e durante um ano. Envio a minha cota para o mais pequenino.

Se quiser pôr no jornal para eu ficar alegre por ter chegado (que chega sempre) dê-me o nome dum gaiato — do Risonho de Lisboa 50\$00. — Com Cristo no coração anda-se sempre risonho. Não há pobreza, nem miséria, nem desgraça. Eis».

«Uma pessoa que vive do seu trabalho, não podendo ficar insensível ao seu apelo para a pobre viúva com oito filhos, envia 50\$00 para a ajuda do sustento do mais novo deles.

Esses 50\$00 referem-se ao mês de Abril e prometo enviar todos os meses igual quantia para o mesmo fim».

«Porque os cabelos já eram poucos, apesar da idade também não ser muita, andava a fazer um tratamento para me alindar, pois a minha Mulher achava que eu assim ficaria melhor. E todos os meses lá gastava 40\$00 para encurtar o tamanho da testa.

O seu «Gaiato», além de muitas coisas que me tem ensinado, disse-me também que eu podia dispensar isso.

Foi o caso que neste último número, estando eu a lê-lo sôfregamente (sôfregamente é exactamente o termo), deparei no seu artigo «Do verdadeiro sentido de bem fazer» com aquela pobre, Mãe a braços com a miséria e com 5 filhos agarrados a si.

Mostrei-o à minha Mulher e perguntei-lhe o que poderíamos fazer para aliviar aquela infelicidade e ela ficou-se a chorar e acabou-se a minha vaidadezinha, pois o dinheiro que gastava com ela já dá para secar algumas lágrimas.

Aí vai, portanto, a primeira prestação e se Deus o permitir todos os meses mandarei os 50\$00 que, sendo possível, serão para o filhinho mais novo».

«Só me dá vontade de ser rica quando leio o vosso jornal.

20\$00 para a viúva dos 8 filhinhos e prometo enquanto tiver forças para ajudar o meu marido a criar os meus filhinhos, ajudarei com esta pequenina esmola essa mãe que deve sofrer ao ver sair do seu lar, os filhinhos da sua alma.

Grite Padre, sempre bem alto o amor aos filhos».

«Acabo de ler o Gaiato. Se até receber esta, ninguém tiver ainda oferecido a quantia que deseja para a viúva dos 8 filhos, tenho eu o prazer de ficar com esse encargo durante o ano que indica».

Eu podia dizer coisas bonitas, em remate. Podia, sim. Mas o silêncio ainda é a expressão que mais diz, quando as almas se revelam.

Vai aqui gente de Lisboa, de Tomar, do Porto, de Negrelos, de Ermesinde, de Chaves, de Ilhavo e da Vila da Rua.



Crónicas de África

Estamos na Beira. Na cidade da Beira. Beira, a cobiçada. Nenhuma como ela, de todas quantas orlam a nossa costa. Os homens da Era Victoriana fizeram tudo quanto em si estava. Eles queriam a Beira. Muito poder. Muita riqueza. Maior a nossa decisão. A história fala de quem e de como arriscaram a vida os heróis daquele tempo. E assim é que, por amor deles, as coisas e as pessoas da África Central, não entram nem saem de suas casas sem ser pela nossa porta. Nós é que lhe damos a chave. Beira, a cobiçada!

O Savoy hotel é um ornamento da cidade. Construído há um ror de anos, ainda hoje é actual. O que nasce grande e bem feito, fica assim por muito tempo. Chegamos precisamente à hora de almoçar. Depois de nos terem marcado aposentos, sacudidos e penteados, descemos ao salão. Servia-se o almoço. São mesas pequeninas muitas delas. Linho da Holanda. Talheres preciosos e as grelhas de metal branco por suporte das fatias de pão. Júlio olha e torce o nariz. Ele vinha com fome de pão desde Joanesburgo e ali, na Beira, a julgar pelo que via, mais fome o esperava! Júlio torceu o nariz. Os serventes de mesa são todos pretos, chefiados por um pretalhão do tamanho dum casa, cinta verde a tiracolo. É ele que se aproxima de lista na mão e quer saber o que nos há-de servir. Vinhamos com um golo de café servido no aeroporto de Lourenço Marques e muitas milhas de distância e algumas horas e muito apetite. Escolhemos. Foi peixe. Tudo ali é irrepreensível. Fala-se baixinho.

Há crianças loiras da Rodésia, que estão ali com seus pais, por via do mar, mas elas não perturbam. Saboreamos o peixe e o chefe de mesa torna ao pé de nós a perguntar que mais. Júlio pediu pão! Já tinha comido, mas queria mais! Eu pedi um prato de carne. O chefe toma nota, dá as suas ordens, mas não serve. São outros. São serventes de muita prática. São muito aprumo, boa vontade e interesse. Enquanto mastigavam vem outro chefe. É o encarregado das bebidas e pergunta qual vinho queríamos. Não me faltam desejos, mas eu vinha escaldado dos quarenta mil reis por uma garrafa de Casal Garcia, em Lourenço Marques. Ora este vinho é fabricado perto da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, aonde as uvas brancas são compradas à razão de um escudo e meio por quilo. Não devem ser precisos dois para dar um litro de vinho e a gente fica sem saber; melhor, com desejos de saber para onde vão os trinta e sete restantes! Como quer que seja, eu estava escaldado. Veio vinhinho da casa, que nos soube muito bem. Antes de arrumar, os serventes trazem fruta, trazem queijo e perguntam se tomamos também café. Sim senhor; nós dissemos que sim e tomamos tudo de tudo.

DOCTRINA

Quando há dez anos aparecemos na cidade do Porto e apresentamos o programa que se tem desenrolado, houve alguém que não deu nada por quanto ali se disse e muito menos pelo que se prometia fazer. Quem não puder salvar todos, nada faz tentando salvar alguns. Isto não é verdade. Um que fosse. Um, digo, e tínhamos feito muito. São almas. Almas e suas potências.

Almas, criação imediata de Deus, para exercer nelas o poder de misericórdia e de perdão! Mas não tem sido como disseram, não senhor. Não tem. Centenas de rapazes gozam boas oportunidades e muitos têm aproveitado delas. Mais. Há dez anos a esta parte, vem crescendo o movimento e o pensamento com respeito à sorte do rapaz da rua, e ninguém pode negar que a nossa obra não tenha sido a fonte.

Andaram os tempos e aparece outra coisa nova; o Património dos Pobres, e com a dita coisa nova, ditos comentadores. Ele não remedeia nada com meia dúzia de casas, além de que os pobres sempre viveram em barracas. Isto não é verdade. Que eu tivesse feito uma, tinha tornado feliz uma família da barraca, aonde por necessidade vive. São almas. Almas que engrandecem as obras e falam de Deus quando e sempre que se lhes faz o bem. Que tivesse sido só uma casa, digo, mas elas já passam do cento! Mais. A obra do Património dos Pobres é hoje a fogueira de Portugal e não há ninguém que não diga ter a faúlha saído daqui. Como se hão-de sentir diminuídos os senhores que não acham bem! Serão eles capazes de meditar e admitir o

AGORA

O Agora original era muito extenso, pois que dava notícia de um grande número de contribuições. Mas ele perdeu-se. Preta e Abel, que são os dois que me ajudam a escrever, interrogados, dizem que não sabem. Júlio, o grande das oficinas, afirma que não recebeu. De tudo isto, fácil é compreender a poeira que não deve ter havido por cá quando se deu pela falta do original. Ora vis-o não me ser possível recrdar tudo e todos que iam naquela procissão, vamos dar aqui os nomes das duas principais figuras. Os senhores afastem-se e deixem passar Anadia. Anadia, que tem cara de farta e é terra de boa gente. Anadia, dá quatro casas, num cheque de quarenta e oito contos, as quais devem ser ali construídas e continuadas. Quatro são poucas.

Outra arrumadela por favor e deixem passar Coruche.

Coruche vai com duas casas, num cheque de vinte e cinco contos, para as quais pedem o nome de N. Senhora e Fátima e de Santo António. O que sobremaneira espanta, é a confiança destes homens, que sacam importantes somas dos seus dinheiros, e entregam a um desconhecido!

Ouvem falar dele e acreditam. Esse tal pode muito bem desviar estes dinheiros; e eles não acreditam! Bendito seja o Senhor Deus de Israel, que a toda a hora e de muitas formas nos visita—Bendito seja!



Aqui, LISBOA!

Sempre que ao começar releio as cartas e bilhetinhos que acompanham os donativos, eu tenho de afirmar dentro de mim a minha Fé na Comunhão dos Santos. Aos olhos de quem não está disposto, a ver, pode parecer que as orações que nos pedem, as dores em que nos fazem comungar, são pagas pela esmola entregue. Mas não. Não é um vulgar comércio. O que se troca não tem preço, nem a paga em valores deste mundo seria proporcionada aos valores da eternidade. Este comércio é de outra espécie. Nem sequer há uma troca... Há sim um trabalhar em comum, cada qual a seu modo, para o enriquecimento do Corpo único cuja cabeça é Cristo e cujos membros somos nós.

De Algés 100\$ para a nossa Páscoa, com pedido de um P. N. por alma de seu marido. Uma «Portuense», por alma dos seus mortos, entrega uma casa que deseja saber construída ainda este ano no distrito do Porto. Pelo bairrismo não desmente o nome!

«Uma saudade» volta a aparecer com um vestido e um cobertor para os pobres e 20\$ para a casa. A «Figueirense» 20\$. «Uma pecadora», tirado do pouco que ganha, 5\$. «Alguém que há mais de 30 anos deseja ter casa sua, mesmo que fosse alugada», 100\$ para o Património. Oh grandezas que Deus conhece!

Da Carris 14 bancos de eléctricos passados à reforma. De uma senhora 200\$ e mais 20\$ da Rua Tomás Ribeiro.

Produtos Lácteos mantêm-se firmes com 184\$ relativos a Fevereiro; não menor lição de perseverança nos é dada pelos empregados da Vacuum ao entregarem pela 70.^a vez a sua mensalidade que hoje é de 1.330\$.

Alunas do Liceu Maria Amélia, em romagem, 305\$, peças de roupa, livros, cadernos, lápis, borrachas, brinquedos e uma lauta merenda com bolos, amêndoas, ovos de Páscoa e muitas outras gulodices que os próprios visitantes serviram. 30\$ por «O Barredo» com outros 30\$ para os pobres do dito. De «quem queria ter milhões para dar ao P.^e Américo», 100\$. Dê graças a Deus por os não ter e outra vez mais graças por ter tão bom desejo. 100\$ das «sobras do meu trabalho» de «um humilde pecador». Por «O Barredo» 20\$ e 30\$ para a cancerosa mais ne-

seu erro? Seja como for, temos hoje duas ideias em marcha: o valor do rapaz da rua e a necessidade de construir casas para os pobres; e agora pretendemos dar início a uma outra ideia, a saber: cada freguesia cuidar dos seus pobres.

Mais falatório. Mais mestres com o livro aberto. E contudo, ele é tão fácil que, depois de tudo ordenado, havemos de pasmar de como há mais tempo se não começou! Sim. Cada freguesia deve cuidar dos seus pobres, como nós lemos da de Albergaria-a-Velha, quando passamos na estrada e vemos a placa *Albergaria cuida dos seus pobres*; e na mesma, cita o decreto que declara a mendicância proibida. Pode proibir sim. Porquê? Porque cuida dos seus pobres. Eis.

(CONTINUA)

cessitada que conhecermos, de uma não católica que deseja «a felicidade de ouvir o grande coração» do Pai Américo. Minha senhora, se quiser pensar a sério em que o Pai Américo é grande porque vive do Cristo autentico que a sua única Igreja nos oferece, haverá de concluir: ou que não se pode «contentar em ser cristã e humana», ou então não há motivo para tanto desejar ouvi-lo.

Alunos do Liceu Charles Lepierre de visita à casa 755\$. De uma promessa 100\$. Visitantes da JUC deixaram 175\$. Para o Património 100\$.

Volta «uma Figueirense» com 40\$. Uma professora diz que sim com 50\$ e visitantes com 20\$. Um que mudou de emprego agradece a Deus associando com metade, 800\$, os nossos pobres mais necessitados. No Montepio, mais um Tank cheio de migalhas para o Património dos Pobres: 251\$50. Visitantes 20\$ e 100\$ para a Curraleira entregues ao Octávio.

Em carta 500\$00 para os pobres e em vale mais 70\$. 50\$ dos empregados do Crédito Predial. 10 kg de amendoas da Cecil e 50\$ para o Património. Mais amendoas, 5 kg, e mais 150\$. Um casal que sempre vem aqui à desobriga: 500\$. Visitantes 70\$ e 50\$ em carta, «para que no meu Lar reine sempre a graça de Deus e a Sua luz sempre o ilumine».

Do Buçaco 500\$. De «uma portuense», que não sei se é a mesma de quem acima se fala, 500\$ a dividir por Tojal e Paço de Sousa. Mais visitantes com 20\$ e 20\$ e 50\$ e mais 20\$ e Póvoa de S. Adrião com 50\$.

Estamos na Páscoa e passamos um bom bocado da centena. Em geral nem sequer sofremos dos dentes! Não se escandalizem pois, por mais 10 kg de amêndoas e outros 10, vindos do Buçaco, e ainda marmelada e vinho do Porto.

Da Rua das Pedras Negras dois sacos de alhos e lenha de uma marcenaria vizinha do Lar. Em vésperas de começar a construir uma modesta casa para si alguém se apresenta com uma voluntária contribuição para as Casas dos Pobres. Se houvesse muitos construtores de casas modestas, decerto não abundariam os palácios... nem as barracas de latas e piolhice!

No Montepio, além do que já se falou, roupas, livros, dinheiro... — tudo quanto lá foi dar.

Do Alentejo 500\$ para serem distribuídos aos pobres da Curraleira pelas Irmãzinhas que lá moram. Que delicadeza a desta escolha de intermediário para a execução de uma boa obra! São participações em que o dinheiro nada vale ao lado da riqueza de intenção!

Para o Sacrário da capelinha delas 500\$ de alguém que muito se impressionou por saber Nosso Senhor numa caixinha de madeira. A cada alma o seu toque! Mas estas Irmãzinhas não despertaram só admiração. Veio aqui ter uma carta protestando contra as mentiras do «Gaiato». Segundo o autor ou autora da dita carta (que é — já se vê — anónima) elas vieram para cá por não terem onde estar nem de que viver.

Ninguém entende a «loucura» senão estiver um bocadinho «louco». Cristo é o Sinal de contradi-



TRIBUNA DE COIMBRA

Isto por aqui tem estado muito frio. Estamos à beira da serra da Lousã, por isso não admira Mas o pior é que este frio estendeu-se a todo o lado.

Ainda agora passei pela sala de costura e ouvi uma grande lamentação: já não temos nada de nada com que remendar nada; as toalhas dos rapazes são já uma rede; nós não podemos remendar mais pois já não tem por onde se lhe pegue. E por aí fora até eu me fartar de ouvir. Ora se esta lamentação fosse na Semana Santa, estava bem, mas na Páscoa não está nada certo. Em Coimbra a Maria da Luz, como agora os vendedores são mais, mandou-me pedir cobertores no jornal, andam a cobrir-se com casacos e gabardines. *O senhor não voltou a pedir nada no jornal...* Eis o grito. E eu aflito. Tenho que confessar; isto a respeito de vestuário anda na última. São as obras; as obras comem tudo.

Vamos agora contar o que nos deram do Natal à Páscoa:

Cinquenta por ordem do Brasil; cem em vale da Póvoa de Varzim; camisolas a um vendedor; quarenta dum sacerdote; cinquenta da Mabor. A Mabor está de mãos dadas conosco. Ela fabrica pneus e nós temos carros a gastar.

Quarenta duma Evagélica da Figueira para uma renda da casa. Os Pobres unem-nos! Uma Senhora que mandou buscar uma cabrita que nos tem dado muito que fazer (por ser cabra). Visitantes que vieram entregar 55\$00 dum mealheiro e figos e bolos. Uma Farmácia de Lisboa que nos mandou cem para um quadro da Ceia; vinte duma Maria Azevedo do Porto; roupas de dois irmãozitos por alma de uma bisavó e um avô muito queridos. Boa Oração! Um bolo; quinhentos da Shell; dois cabritos da Pecuária e duas gabardines duma vicentina; o seguro pago pelo agente. Este senhor está sempre a dar e tem confiança em receber; visitantes com 25\$00.

Bolos e vinhos do casamento da filha dum senhor Doutor a quem estou sempre a incomodar. Mas ele quer assim; cinquenta no Castelo da Sofia; um fato de uma mãe que viu o filho Regente Agrícola. Foi tão grande a alegria daquela Mãe, que até nós participamos. Benditas Mães!

Uma encomenda de vidros oferecida pela Empresa Vidreirada Fontela. As outras ofertas para as nossas obras, só daremos quando da inauguração que contamos fazer para o verão. Quinhentos em vale dum sacerdote apaixonado e agora veio cá e deixou igual quantia; que o Senhor das Luzes o encaminhe! Dois senhores doutores de leis que deixaram 160\$00. Sapatos e o rest que lá vinha dentro, de Oliveira do Hospital. Uma anónima de Casais do Campo com oitenta e agora voltou com metade; 150\$00 de visitantes; vinte do mesmo modo; o mesmo do mesmo; 150\$00 de maneira igual; uma camisola dum sacerdote que não pode mais; visitantes de Mira com cem.

Um alfinete d'ouro para os Pobres no Castelo; outra vez a amigueta Maria Helena no dia dos seus anos com cem. Que repita tal dia muitas vezes, são os nossos votos!

ção. Elas são discípulas. Não são portanto mais que o Mestre. Grande consolação não-de sentir por via da dor de serem negadas — sinal certo de que estão no seu Caminho.

E. G.

Cinquenta e dois embrulhinhos de roupa de Lourenço Marques, duma do Porto; cem duma senhora de muitas vezes; o mesmo dum senhor arcepreste para o Barredo e gaiatos; duzentos em vale de Lisboa; cinquenta de visitantes; o mesmo da Figueira a um vendedor para a nossa Páscoa; cem a outro duma Professora dos nossos; dois livros; mais cinquenta para a Páscoa. Um senhor Professor da Universidade a quem foi atribuído um prémio pela publicação dum livro, deu quinhentos para a Páscoa dos Pobres. Vinte dum Pai pela mão do filhinho; roupas de Sá da Bandeira; um crdeirinho dum senhor Doutor sempre pronto; bolos e chouriços; amendoas do Porto.

Quero também avisar os habitantes das vilas de Cantanhede e Pombal, onde os nossos começaram agora a vender. Vilas históricas e de fama. Ora se querem agora andar no famoso portem-se à altura. É possível que vá haver desafio. Em A'gueda, é Manuel R'sonho; em Cantanhede, Sardinha; em Pombal, Júlio pequeno. A'gueda já passa dos cem; Cantanhede da segunda vez foram setenta; e Pombal da primeira esgotou cinquenta. O Sardinha, numa manhã de frio, já quis ir em mangas de camisa para acaçar um casaco. Acautelem-se!...

PADRE HORACIO

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Da última vez que escrevemos lançamos um sinal de alarme. Estamos verdadeiramente embaraçados com falta de dinheiro. Os encargos são grandes e temos feito muita marcha atrás.

Desde a última edição de «O Gaiato» até agora, recebemos o seguinte: De Albano Santos Barros 30\$00 De Cabo Verde 10\$00. Maria Soares Albergaria 20\$00. Dália Braga do Porto 10\$00 Armando Pereira de Ceira 100\$00 Armando B Cotrim 20\$00. Leopoldina Coelho 20\$00 Da Terezinha e Maninha recebemos 200\$, para que Deus as defenda de todo o mal que campeia pelo mundo. E por fim uma carta de Lamego que diz assim: Como li no Gaiato que a Conferência está sem dinheiro remeto 100\$00 para a necessidade mais urgente. Eu também pertencço a uma e vai se ajudando na medida do possível. Quem escreve é uma Vicentina de Lamego. Mais nada. Alto lá! De Paço de Sousa 20\$00! E outro tanto do Sr. P.^e Duarte.

Deus queira que para a próxima quinzena possamos ocupar mais espaço a acusar recepção de muito mais. Têm a palavra os leitores costumados desta crónica, que nos momentos de aflicção suprem o que nos falta.

Júlio Mendes

UM LIVRO EXTRAORDINÁRIO QUE DEVEM ADQUIRIR

«O BARREDO»

Pedidos à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato
Paço de Sousa

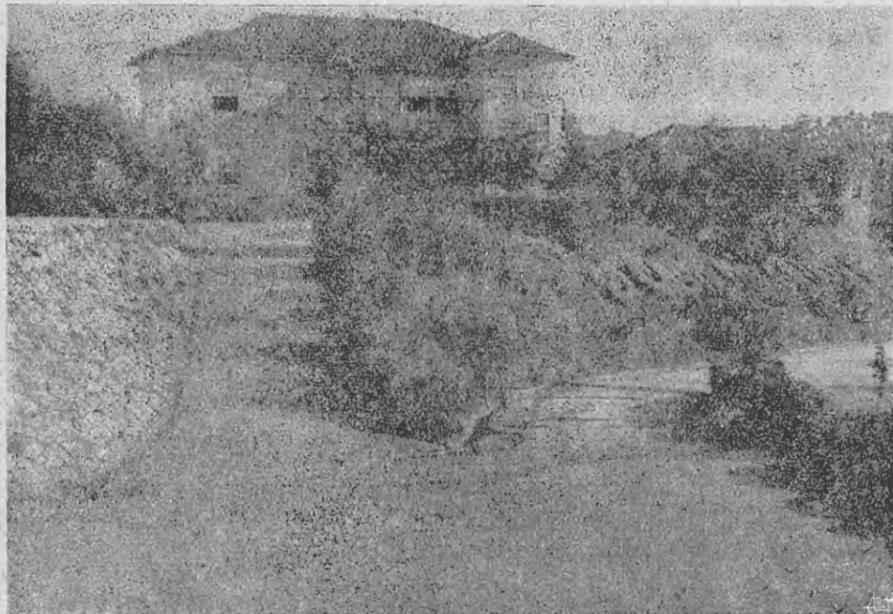
N. B. — Para esclarecimento do público informamos que esta edição não se vende nas livrarias do país. É um exclusivo da nossa Obra.

Isto é a Casa do Gaiato

*** Há tempos que se vinha dando algo de muito desagradável na comunidade de S. João da Madeira. Era um rato. Entre todos eles, existia um rato. O chefe queixa-se e torna-se a queixar e eu digo-lhe que aumente a vigilância. Nisto um dos nossos ausenta-se e fica fora, a viver sobre si; ele ganhou o suficiente. O chefe, pensando que era ele o rato, socega,

e contudo, não há quem não ache bem o que já se encontra feito. É que tudo quanto nasce é completo. Tem formosura. E esta obra que se chama da Rua, nasceu.

Ora vejam os senhores a casa desta gravura, conhecida por casa n.º 3, na gíria da nossa aldeia. Ao ver-se, parece uma mansão de sangue azul; as ruas, os taludes, os ce-



«Ora vejam os senhores a casa desta gravura.»

mas não. Não era. Mais alvoroço em casa. O dinheiro roubado, era do produto da venda do jornal. Se os vendedores entregavam imediatamente após o seu regresso, não. Mas se deixavam para o dia seguinte, sim; a cada um faltava dinheiro. Eramos assim naquela comunidade.

Ontem, enquanto uns poucos se dirigem ao trabalho, um deles levanta a voz, queda, bate na testa e diz *ai que me esqueci da carteira*; e foi por ela. Um dos seus companheiros, ligou gestos e palavras. Fica muito caladinho e nessa noite, enquanto o tal dormia, procura e encontra. Calasse de novo. Dia seguinte, à hora do café e enquanto na mesa, o rapaz levanta-se e declara: *já sei quem é o ladrão*. Todos emudecem enquanto se miram, só um é que não. Este levanta-se, olha para o acusador e responde indignado: *cuidas que sou eu?* Era. Era ele mesmo. Tem graça que eram doze à mesa... Isto diz-nos que os homens são os mesmos e que as figuras e episódios do Evangelho, aonde quer encontrem réplicas!

Eu sou chamado. Estávamos todos numa sala a fazer de tribunal. O chefe toma a palavra para dizer que se tinha dirigido a pedir perdão ao que há pouco se foi embora, porque dele desconfiava. A seguir em tom severo, o mesmo chefe declara que, no dia da Comunhão Pascal, ele dissera a todos que um ia cometer um sacrilégio! Outra vez o Evangelho. Tudo isto é uma lição.

O delinqüente, a um canto, chorava. Soluçava. O carro estava ali, mas eu não lhe dei lugar.

Disse o chefe que o despedisse com dinheiro suficiente para ir ter pelo seu pé à Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Coloque-se o homem em liberdade e ele que se determine. Isto era de tarde. Ia passar uma camionete para o Porto. Retirei-me. No dia seguinte, manhãzinha, aquele que não tinha sido, dava entrada livremente na porta aberta da nossa Aldeia.

*** Na Casa do Gaiato tudo é vulgar. Tudo passa das marcas. Os seus fundadores não leram, não estudaram, não foram o estrangeiro por pontos de referência. Nada do que é costume fazer-se eles fizeram;

o caro, o precioso—tudo! Ao ver-se parece e não é. Trata-se simplesmente de uma casa de residência. No andar de cima manda o Abel e no de baixo o Pacheco dos Reis. Este é do Barredo e aquele das Eirinhas, lugares estes mal frequentados, aonde a polícia vai. Aqui não vem.

Nesta casa também temos a doutrina do *Sejaquim*. Esta é a designação mais pitoresca e a missão mais procurada. Mal terminam a ceia, aí vão eles cantando e rindo para a doutrina do *Sejaquim*. Este aparece um nadinha depois, guiado por um qualquer e é sempre estrondosamente recebido; depois do que temos duas horas cheias. Ele histórias, ele leituras, ele grafonola, ele rádio. Brinquedos de toda a sorte. Sempre que nos chegam encomendas postais, todos sobem ao meu escritório, a perguntar se vem alguma coisa prá doutrina do *Sejaquim*. Tudo quanto eles apanham que tenha forma, cor e cheito, vai prá doutrina do *Sejaquim*. E para não ficar somente em coisas e nomes, o Sr. Joaquim Andrade, chegada a hora, manda entrar por grupos e começa a ensinar.

*** Hoje, ao pé do telefone, dou com uma grande côlea meio rilhada. Vim a saber que o *Pombinha* tinha estado a falar e se esqueceu ali dela. Bom sinal. *Pombinha* não tem fome. Se tivesse tinha-se esquecido mas era de falar.

*** Ele é agora o meu criado de mesa, nas vezes do *Manel*. Também mostra as suas irreverências. É uma máquina fotográfica que lhe deram. Foi uns senhores, disse, quando lhe perguntei. Hoje, domingo, põe-me o jantar e ali, comida à frente, *Pombinha* queria-me tirar o retrato! Não basta o mundo senão que *Pombinha* também me quer seringar!

PROPAGAI

«O Gaiato»

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Este ano tivemos uma Páscoa muito feliz, quer material e espiritual. A preparação foi feita pelo Rev. Sr. Dr. Avelino Soares grande amigo da nossa Obra desde o seu início.

No Domingo de Páscoa tivemos muitas amêndoas, pão de ló e vinho fino.

Metade das amêndoas foram dadas e servidas por uma senhora que volta e meia está cá para nos dar coisas e que não gosta que ponham o seu nome no jornal.

«Que a tua mão esquerda não veja o que dá a direita».

Em nome de toda a malta agradeço à dita senhora e seu Ex.º marido.

— O Hélio tem a mania de se armar em ciclista, mas ao ir fazer um recado aconteceu que:

Os primeiros cem metros ainda bem foram, mas ao chegar à avenida já ia com a fralda de de fora e deu um tranbulhão de respeito e a malta agora afina-o.

— A nossa conferência tem reunido sempre com regularidade, mas no que diz respeito às «lecas» é que tem andado pouco, mas dentro em breve esperamos que os nossos leitores colaborem nesta tão útil campanha de bem, vindo a beneficiar mais alguns nossos irmãos que não têm benefício algum.

— A nossa Tipografia continua a ter muito em todas as suas secções, mas pedimos mais aos senhores porque os nossos rapazes querem aprender a executar trabalhos de toda a ordem.

Daniel Borges da Silva

MIRANDA DO CORVO No dia 6 de Abril foi a inauguração do nosso refeitório estando presentes o Senhor Padre Américo, o Senhor Padre Adriano e o Senhor Engenheiro Galamba. Chegaram pelas 12,5 aproximadamente acompanhados do Morris guiado por Carlos do Porto. Depois deitaram-se foguetes antes do almoço. Durante este tivemos bolos, vinho do Porto e amendoas que nos trouxe o Senhor Padre Américo e o Senhor Padre Adriano. Depois da refeição fomos jogar a bola para o campo até à hora da merenda. Chegada a hora do Senhor Padre Américo se ir embora fomos todos e despedimo-nos dele e assim ficamos muito contentes.

— Agora temos umas capoeiras novas e muito lindas porque foi feita uma cerca ao ar livre. Já está quase tudo povoado, temos já uma ninhada de pintalhões e duas peruas e uma galinha deitadas, também já nos nasceram três ninhadas de colinhos. Quando nós tivermos as capoeiras cheias de animais então é que é bom

A Venda em Águeda

Amigos leitores desta vez vendi 80. Mas para vender 80 tive que andar até às 10 horas da noite. É preciso ver isto. E se não é o sr. Prior avisar na missa das 11 horas não sei o que seria. Mas ainda ao menos Águeda andou sempre muito animada com a excu são a Paço de Sousa, da qual eu na próxima quinzena direi alguma coisa. Agora é Viseu que está a bater o recorde da venda do Lar do Gaiato de S. João da Madeira. Desta vez fomos dois. Fui eu e o João vendendo de Aveiro. Eu vendi 117 e ele vendeu 105. É verem os leitores. Comparar-me lá a vender 100 e agora já se lá vende o dobro. Vamos a ver se Viseu continua a dar provas. A Casa do Gaiato já tem em Viseu grandes amigos como estes: Sr. Engenheiro B. João, Dr. Francisco Ribeiro Saraiva, Sr. Comandante da Legião Portuguesa etc.

Eu pedindo o passe à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, e eles dizendo que não porque não podem, embora eu ainda não perceba, ouve entre esses senhores um bom benemerito da Casa do Gaiato que teve a ideia de fazer uma subscrição e juntou 600\$00 dele que eu já levantei por meio dum vale. A este sr. que é o sr. Tiago Marques da Rua do Mirante n.º 23-3.º Lisboa, e a todos os que nos ajudaram em nome do Pai Américo muito obrigados.

E agora um passeio até Miranda do Corvo. Eram 9,5 de segunda-feira de Páscoa, quando chegou o Pai Américo a S. João da Madeira. Ora o Carlos Inácio tinha-nos avisado e eu e o João tratamos de arranjar um passeio, que foi ele até Miranda do Corvo ver os nossos irmãos. No carro vinha só o Carlos Gonçalves e o Pai Américo. Entramos, e fomos direitos a Anadia, onde o Pai Américo foi falar com um senhor. Depois, fomos direitos a Coimbra. Até aí fomos à larga, mas depois, entrou o sr. Padre Adriano, e o sr. Engenheiro Galamba futuro Padre da Rua. Iamos acamados como a sardi ha, chegamos a Miranda à hora do almoço. A casa é uma maravilha. Cada cama tem uma mesinha de cabeceira etc. Tudo o que há de melhor. Calhou de se-se dia ser a inauguração do refeitório que é um encanto. Chegou a hora de ir para a mesa. Lá dentro uma coisa muito simples. O que lá está a pôr aquilo como um pariso é um quadro em azulejo da última ceia de Jesus. Fiquei muito contente por tudo ver.

MANUEL FIGUEIREDO (Risonho)

porque de vez em quando temos carne fresca sem irmos ao talho. Já assim aconteceu quando cá veio o Senhor Padre Américo; pois comemos ao almoço e três galos grandes que até cá cantaram dentro da nossa barriguinha. Deram também um casal de rolas da Índia com um rolinho ao Senhor Padre Horácio.

Puseram logo ovos e chocaram e agora já temos mais dois rolinhos. O nosso rebanho também foi aumentado com mais um cordeirinho que nos deu o uesso Médico dedicadíssimo de Coimbra. Apesar disto tudo nós temos necessidade de muitos animais para os nossos currais, aves para as nossas capoeiras e avezinhas para o nosso aviário. Se os nossos amigos leitores nos quiserem valer mandem-nos alguns ou algumas, que nós agradecemos, pois tudo nos faz jeito.

António Jorge Gonçalves

LAR DE LISBOA Há dias veio cá almoçar o nosso Pai Américo e o Carlos Gonçalves. Durante o almoço lembraram-se de lhe pôr em cima da mesa um programa do filme Milagre de Fátima. Depois de ver o programa perguntou-nos se já tínhamos ido ver e como não, deixou-nos cá com escudos para os bilhetes de todos. Fomos e gostamos muito.

— Na sexta-feira santa nenhum de nós trabalhou. O Sr. P.º Adriano veio cá para irmos fazer a Via Sacra à Capela do Sagrado Coração de Jesus. Depois fomos dar um passeio na furgonete. Foi à Curraleira ver os pobres e as Irmãs que lá estão para servi-los. Depois à Sé e de lá voltamos para casa.

A tardinha alguns lembraram-se de ir para a rua jogar a bola sem dizer nada a ninguém.

Também foi o Macedo, que desta vez teve pouca sorte e partiu um braço. Levado ao hospital por um guarda, lá esteve até às 23 e 30 para receber tratamento. Teve de levar a aparelho de gesso e anda em curativo até ficar bom.

Isto é o resultado que há, quando alguém desobedece.

Carlos Alberto Lopes

Crónica Desportiva

Tem decorrido com grande interesse entre os gaiatos, os de afios de aqui em campo. Cá em casa, com paus de qualquer espécie se joga esta modalidade, excepto os carpinteiros, já se vê... que nas horas vagas se entregam com toda a faina a preparar a sua moça.

Agora são os quase batatas, que acabam de comer e correm pela ribanceira das oficinas abaixo, à disputa do primeiro a chegar ao campo para nele jogar.

Começa o jogo, e, a certa altura desaparece a bola e vêm-se as mocas no ar; é preciso a intervenção do árbitro para que não hajam cabeças partidas...

Mais uma modalidade desportiva: ciclismo. O Caminho com o seu «tríciclo». Também gosta de fazer das suas. Tem pernas até ao «pe-coço». Também se realizam encontros de futebol, entre os rapazes de cada ofício. Os campeões desta, são os TIPOGRAFOS. Treinam-se de manhã pelas 7,30 sob a technicidade de Domingos A. Jos, às terças-feiras, quintas e sábados. Parabéns a estes rapazes, que lutam pelo desporto.

Vamos praticar também oquei em patins. Já temos ordem do Pai Américo para partir o cascalho. O Rink ficará junto à casa n.º 1. Porém falta ainda o essencial, mas virá depois...

Júlio Gomes

UMA NOTÍCIA

Os vendedores trazem e os do Lar do Porto também me dizem, que andam peditórios nas ruas do Porto para a Casa do Gaiato! Que são rapazes a fazê-los e que todos os senhores dão! Agora mesmo, o Areosa que vende no Banco Ultramarino, acaba de me dizer uma melhor: que tinha ali corrido uma lista a pedir subscritores para uma casa de reparigas criada pelo P.º Américo! O Manuel Coco, por sua vez, informa que um nosso amigo e seu freguês lhe dissera não acreditar que eu mande pelas portas fazer estes pedidos, e assim é que é. Assim é que está certo. Este senhor é o padrão. Guiem-se todos por ele e num instante acabam os vigaristas. Peditórios da Obra da Rua, só os padres da rua. Mais ninguém.